

Blog de Papel

HENRIQUE MORGANTINI
henriquemorgantini@gmail.com



“Com grande freqüência, a política consiste na arte de trair interesses reais e legítimos e de criar outros, imaginários e injustos.”

Arturo Graf

A prefeitura que anda, e a que desanda

HISTÓRIA UM.

Tive a oportunidade de conversar furtiva e rapidamente com o diretor de assuntos ligados à agricultura do município e ao mercado do produtor, Rubens Kleinkauf, na última semana. Conversamos sobre política, políticos e as eleições. A crença do diretor, coisa normal – do contrário ele seria defenestrado do lugar onde ele está, é a de que a administração Pedro Sahium termina melhor do que começou e do que está atualmente.

Para Kleinkauf, há uma onda de coisas positivas caminhando para Anápolis e isto pode transformar a atual administração em algo menos desastroso. A adjetivação de “desastrosa” é por minha conta, não dele. Antes que ele perca o emprego, é preciso esclarecer.

(E se houver problema no fato de ele conversar comigo, eu admito: quem puxou conversa fui eu. Ele só me respondeu).

Kleinkauf tem lá seus motivos para acreditar nisto. Designado para reorganizar o Mercado do Produtor, o assessor municipal foi estranhamente destacado para comandar as equipes responsáveis pelas operações de “tapa-buraco” na cidade. De fato, o problema das crateras tem diminuído consideravelmente. O fim das chuvas, o incremento de algum dinheiro e ainda a ajuda da TCA em manter uma equipe no plantel municipal vem contribuindo para minimizar aquele que parece ser um dos principais pontos de desgaste de Sahium: os buracos na malha asfáltica.

Mas por que Rubens Kleinkauf, um homem da agricultura, sai da terra para o asfalto? Das verduras dos produtores para o cheiro de piche? Não existe resposta plausível. A dele próprio é um tanto quanto narcisista. “Quando tem problemas, eles me chamam”. É, pode ser. O que é estranho é que ele não é submisso aos poderes da infra-estrutura, mas age como uma força independente. Vai saber o que acontece. O fato é que os buracos têm, sim, diminuído.

Maria Cristina Pereira e Silva é uma técnica experimentada. Pegou barras pesadíssimas em nome da administração Pedro Sahium. Primeiro foi para a fundação Amas e deu um jeito. Quer dizer, pelo menos conseguiu fazer um arremedo de conserto possível na já cambaleante e problemática situação daquela entidade. Agora, começa a desatar um nó no Issa, mostrando aos antecessores do comando daquele instituto que seriedade e visão técnica não fazem mal, do contrário: só fazem bem. O Issa não é algo falido. Mas o Issa com uma gestão eminentemente política e fisiológica é, sim, uma desgraça.

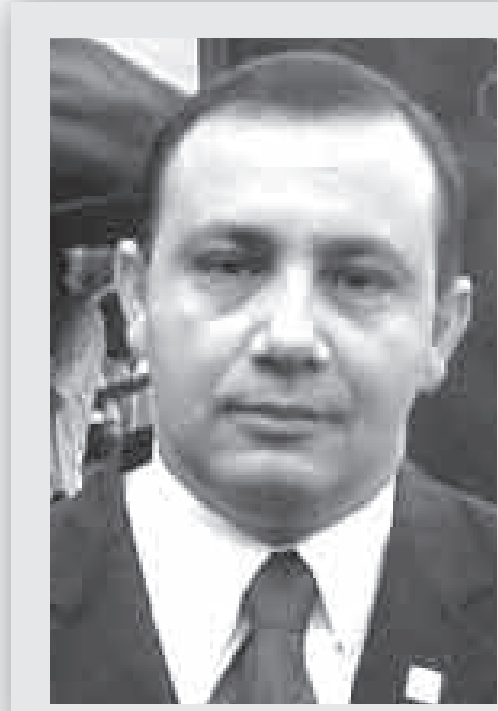
Agora, uma conquista real com a participação desta competente profissional: a prefeitura consegue dar um passo rumo à regularização e conquista a Certidão de Regularização Previdenciária. Com isto, de cara, a cidade receberá do Governo Federal cerca de R\$ 4 milhões que antes estavam barrados por conta das suspeitas de ações turvas e tortas com o dinheiro federal. Chega-se à tranquilidade da boa ação.

HISTÓRIA DOIS.

Emivaldo Miranda é vice-presidente do PDT de Haroldo Duarte, o uropígio das defesas pirotécnicas de Pedro Sahium. Quando não tem o que dizer em relação às acusações, Duarte gosta de desmerecer os acusadores. Típico de quem perde terreno. Miranda não gosta da forma bajuladora que o partido que ele integra se posiciona em relação a Pedro Sahium. Miranda é construtor e chegou a sub-empregar uma obra de construção de escolas no município.

Até então, Emivaldo Miranda tinha ficado calado, agora perde espaço no comando do partido, o PDT, para os aliados de Sahium. Decidiu, então, dizer o que sabe. E ele parece saber mais do que os aliados do prefeito casado por improbidade, em exercício, Pedro Sahium, gostariam que ele soubesse.

Miranda decidiu contar das suas suspeitas, segundo ele, com comprovações documentais, de superfaturamento na construção destas escolas que ele participou da edifica-



CRIAATURAS E CRIADOR:

Rubens Kleinkauf, Maria Cristina, Edmar Moura, Alecir Reginaldo e Pedro Sahium: as Anápolis que queremos, ou não.

ção. O construtor afirma que o dinheiro usado poderia erguer 10 escolas com dignidade, mas que somente foram feitas quatro. Miranda chega a questionar a segurança da obra, dizendo que a fundação de pelo menos uma delas tem 1,5 metro quando precisaria ter 4,5 metros para ter segurança efetiva.

A notícia não é nova. Mas a possibilidade de apresentação de documentos e a riqueza de detalhes que Miranda já deslindou, estes sim são assustadora e tristemente novos. Al-

guns sórdidos demais, como a discordância da instalação de vasos sanitários. Segundo ele, no projeto há um número superior de vasos do que os devidamente instalados na realidade, dentro das unidades.

O surgimento de uma suspeita grave e vinda de alguém que atua como um “réu confesso”, como alcunhou o vereador Antônio Roberto Gomide, ou seja, de dentro do olho do furacão do dinheiro municipal, somente reafirma que o trato da coisa pública foi feito de forma torta

por parte do grupo que Sahium elegeu como o “escolhido” para acompanhá-lo na administração que comete com a cidade.

Alguns saíram, outros ainda estão lá, negociando, contratando, se contratando, pagando, se pagando, e fazendo danadices com o dinheiro que poderia ser melhor empregado. Dinheiro dado a governos é dinheiro dado como perdido. É a falta que o retorno que ele poderia gerar que desperta a ira e revolta em cada cidadão. O imposto que vira escola mal feita, que vira contrato de comodato ilegal, que vira carro com nota duplicada, et cetera.

O fato é que a notícia não é uma bomba, mas tão-somente mais uma bomba. Une-se a outra. Perde-se megatons de potência quando emparelhada com o superfaturamento e o dolo do mercado do produtor que levou o prefeito à cassação em Goiás. Uma lambança, esta sim, estratosférica, esdrúxula, escalafoética e outras palavras esquisitas que agora me fogem. É mais um exemplo da prefeitura que desvia, contrata mal, arma para cima do contribuinte.

Ter ratos no porão não é propriamente um crime ou um pecado. Alimentá-los, este sim, são lástima e erro imperdoáveis. E Sahium tem sido professor nisto: dar atenção e proteção aos roedores da coisa pública. Os exemplos são fartos. Para evitar desgastes em dizer que eu estou dizendo agressões ao vento, vamos lá: Alecir “sortudo” Reginaldo, que tem uma empresa e se declara como isento no I.R., que não tem dinheiro, tampouco conta em banco, mas conseguiu um contrato de um milhão com a prefeitura. Edmar “almoço-por-conta” Moura, que está condenado por gastar dinheiro da educação em carnes mal passadas e saladas mistas nos restaurantes da cidade.

Tem mais, todos sabem, tem mais.

EPÍLOGO

Há duas administrações gravitando em torno de um mesmo endereço na cidade de Anápolis. A que anda, técnica e seriamente, e a que desanda ainda mais e se desmancha em rolos, escândalos e devaneios dos mais variados. Os figurões, carimbados e conhecidos, que cercam Pedro Sahium, parecem ser os balaartes e arautos da magnânima imbecilidade de manter teso o arco da leviandade, dos desvios, dos superfaturamentos.

Enquanto isto, tem gente desconhecida, da qual grande parte das pessoas nem sabe que cara tem, andam trabalhando sem muito espaço na mídia, sem grandes arroubos de popularidade. Mas trabalham. A prefeitura lucra, a administração tapa buracos. Enquanto isto, gente realiza pagamentos escusos, faz contratos malucos, dana a comprar tijolo para construir um Ciep do Rio de Janeiro e faz um educandário de povoado.

A falta de pulso do gestor é a marca registrada desta atual administração. É, ou seria, o momento de enxotar os ratos, romper as amarras e os grilhões (palavra que o líder-professor conhece bem do mundo religioso) e dar um basta. Mas talvez lhe falte coragem de tocar os amigos de lá.

Enquanto tem gente que contrata parente ausente para receber do Issa, tem gente que vira a noite pensando em como resolver os pagamentos dos aposentados.

Enquanto há quem consiga trazer à cidade um certificado de idoneidade, há quem desvia dinheiro para o próprio terreno, que contrata empresas para fazer escolas mal feitas, mal acabadas e, o pior, que poderiam ser construídas em maior quantidade.

Ao não optar pela competência e dar a ela a devida luz e combustível ao trabalho, o atual gestor acaba por impulsionar outras coisas nestes trabalhadores: o desânimo. O seu próprio desânimo acaba por insuflar as veias de quem quer fazer a coisa certa. Tudo por conta dos amigos da igreja, da infância, do basquete.

Há gente sem competência em cargos que exigem competência.

E a fidelidade nem sempre é a melhor qualidade quando se analisa um currículo.

Anápolis está salva. E perdida.